ANNO XIV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 15 DE ABRIL DE 1900 N.º 829 de "O Povo de Aveiro,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 35

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

CONTINUANDO

UMA QUERELA AO POVO DE AVEIRO

Tinhamos demonstrado que o poderio e a grandeza da Inglaterra provinham, exclusivamente, do seu amor á liberdade e ao trabalho, sendo completamente falsa a propaganda que o orgão da côrte e do beaterio estava fazendo, a proposito da guerra anglo-transwaaliana. Iamos demonstrar que a mesma causa produzia os mesmos effeitos n'essa extraordinaria nação do Transwaal, onde a ausencia d'esta burocracia, que arruina Portugal, d'este espirito de fidalguias, que faz de nós um povo pelintra, d'esta beatice, que deprime o cerebro da nação portugueza, poz em cheque o mais poderoso paiz do mundo, quando recebemos a noticia de que estava querelado o penultimo d'estes artigos *por offensas á religião do estado!*

Por offensas á religião do estado! Fica-se um pouco pasmado, quando se lê isto!

Tinha dicto o papel *Novidades*, a proposito d'uma oração, mandada rezar aos soldados pelo generalissimo Roberts, que só havia patriotismo, heroicidade, abnegação, onde havia espirito religioso, e que d'este espirito tirava a Inglaterra a sua força, o seu poder, o seu esplendor. Não ha lá, accrescentava o pasquim, associações de registo civil, nem livres pensadores.

Respondemos nós, e provámos, que o orgão das sachristias e das fidalguias estava, consciente ou inconscientemente, mentindo. Que nem a rainha Victoria, nem o ministro Salisbury ou Chamberlain, nem nenhum outro ministro ou dirigente da nação ingleza era, em primeiro logar, mais religioso do que sua magestade a rainha D. Amelia, tão profundamente devota, tão grata a Deus e á santa religião catholica, apostolica, romana, do que sua magestade el-rei D. Carlos, do que o grande ministro José Luciano, do que o Chamberlain de cá, o esperançoso estadista e imperialista José d'Alpoim, do que todos os conselheiros, mestres e dirigentes d'este Portugalorium celebre. Que, em segundo logar, Bradlaugh sempre foi um livre pensador de mais nomeada, de mais influencia no espirito publico do que todos os livres pensadores portuguezes reunidos e que os milhares de eleitores, que o elegeram em successivas eleições, sempre constituiam uma força mais importante do que a força da, aliás benemerita, associação do registo civil de Lisboa. Que, por conseguinte, se a questão era de religiosidade, Portugal tinha direito, depois da Hespanha, a ser a nação mais poderosa do mundo, em vez de ser, como é, com Navarros, navarroides e navarretes, apenas a mais pittoresca de todas.

Era claro e logico. E, por ser claro e logico, é que fômos querelados e é que vamos ser condemnados.

Só por isso. Teremos escriptos muitos artigos violentos. Mas ninguem é capaz de encontrar essas violencias nos quatro ultimos artigos de fundo onde vinhamos, sómente, repellindo a torpe especulação do orgão das sachristias, do canudo da clericalha. Onde vinhamos provando uma falsa asserção historica, já com o nosso raciocinio, já com a auctoridade de Taine, de Jean Larocque, de Edmond Demolins, escriptores e pensadores de primeira plana, como taes reconhecidos e consagrados em todos os paizes civilisados e cultos.

Somos processados. Seremos condemnados. Comtudo, é certo que a Inglaterra tira a sua grande força do seu grande espirito democratico, d'esse espirito que mais uma vez vae ser processado e condemnado n'este periodico, aqui, no paiz das larangeiras, como o tem sido sempre, de todas as fórmas, ha tres seculos para cá. Comtudo, é certo que uma pequenina nação, sem cardeaes e sem bispos, sem reis e sem generaes, sem fidalgos e sem beatas, sem conselheiros e sem commendadores, sem exercito permanente de soldados nem de burocratas, sem pandilhas de casaca e de saia, sem pelintras vivendo da especulação politica, tem posto e continúa pondo em cheque uma nação verdadeiramente forte, verdadeiramente grande.

Processae, condemnae, que esta verdade ha de pesar mais do que os vossos processos e do que as vossas condemnações. A Inglaterra e o Transwaal teem religião; mas uma religião bem differente d'esta que visou sempre a metter o pensamento em mas-morras. Por isso vae sendo cada vez mais certo que são as nações catholicas e não as nações latinas que decaem.

Não são as nossas violencias não, que vos incommodam, homens do poder. E' a justiça, é a exactidão das nossas affirmações. E' este espirito de sã democracia, de honrada rebeldia, que se manifesta em cada columna, em cada linha d'este periodico.

Mas que? Que conseguireis?

A penna, que escreve aqui, escreve, querendo, em toda a parte. A vontade, que a faz manejar, não é das que recuam deante das perseguições. Pelo contrario. E vós bem o sabeis! O espirito, que dicta estas verdades, não é da ingenuidade dos pobres republicanos romanticos, que entram, como cavalleiros andantes, armados de ponto em branco, escola de D. Quichote, *para combater pelo ideal*, no pinhal d'Azambuja. Todas as vantagens são vossas. Tendes na mão todas as armas. Loucura é ir combater comvosco em campo aberto e razo.

O caminho é outro. E nós, que não somos imbecis, que não temos romantismo, nem *pose*, iremos por esse caminho, para onde nos empurram.

Não. Nós não temos dinheiro para querelas, nem, que o tivessemos, iriamos gastal-o ahi. Mas quietos, e sem resposta, não ficâmos. Nunca ficámos. Nunca ficaremos.

Nunca! Nunca!

Recebemos a *honra* d'ir n'essa leva de *grilhetas da imprensa*, ultimamente decretada em Lisboa. Sim; não fazemos, ao sr. delegado do ministerio publico n'esta comarca, a affronta de suppor sua excellencia, que tem bons creditos, tão pouco intelligente que viesse, de mote proprio, implicar comnosco por uma futilidade. A *coisa* veio de cima. Já démos tempo bastante ao officio para apprender donde nos veem as pedradas.

Pois está bem.

Ao par e passo que ninguem se incommoda a voltar a cabeça, para averiguar das tremendas immoralidades, commettidas pela justiça official, n'esta comarca de Aveiro, vamos nós responder, *perante ella*, pela nossa attitude de revolta honesta.

Vamos pagar as *offensas* á religião do Estado e as *offensas* á magistratura da comarca.

Pois está bem. E' pena que outros grilhetas da imprensa, em cuja leva entrámos agora, não tenham o nosso temperamento. Que, então haviamos de arranjar uma *panellinha* bem boa.

Mas nós cá estamos. E esperâmos. E confiâmos. E não descançâmos. E nunca perdoâmos. Nunca!

Haja vida e saude, que o resto virá.

Da sua casa de Villa Verde, regressou já a esta cidade, o sr. João Soares Feio de Azevedo, digno secretario geral d'este districto.

Nova expedição para a Africa

Affirma-se que o governo enviará mais tropas para a Africa Oriental.

Esta resolução é attribuida por alguns á possibilidade de complicações entre nós e o Transwaal, por motivo da passagem de tropas inglezas por territorio portuguez para a Rhodesia.

Agora já podemos dizer que entrámos na verdadeira quadra primaveril. O calor tem-se feito sentir bastante n'estes ultimos dias.

Caminho de ferro do Valle do Vouga

Diz-se que o governo não consentirá que por mais tempo se adie a construcção do caminho de ferro do Valle do Vouga, pois não está resolvido a nova prorogação para o começo dos trabalhos.

Sim!

Mas a verdade, a dura verdade é que nós ficámos pintados.

E, de mais, de que haviam de valer os comicios, quando os que tudo promettiam, nada fizéram?

Fômos mais uma vez logrados; nós e Agueda.

A PROPOSITO DO PADRE

Diz ainda Bastide, falando dos *albigenses*:

«Os cruzados deixando, pois, Toulouse, foram attacar a cidade de Béziers, capital ou cidade principal dos dominios de Raymundo-Roger, visconde de Béziers, de Carcassonne e de Alby.

Béziers era uma cidade populosa, rica e poderosa. O visconde, joven, bravo e generoso, estava n'essa occasião em Carcassonne. Os habitantes de Béziers não esperaram por o auxilio do seu senhor e prepararam-se para se defender. Quando se lhes pedia para entregarem os herejes que habitavam na cidade, promettendo-se-lhes que tudo o mais seria poupado, recusavam energicamente, dizendo que prefeririam comer os seus proprios filhos, a submetter-se. Infelizmente, um impeto irreflectido levou-os a fazer uma sortida, sendo batidos e recalcados para a cidade, onde entraram misturados com elles os aventureiros conhecidos pelo nome de *ribauds*, os quaes formavam a guarda avançada dos sitiadores.

Atraz precipitou-se a multidão dos cruzados, começando então uma horrorosa matança. A cidade foi completamente queimada e todos os habitantes, sem distincção de idade, sexo e religião, foram enforcados. Alguns dos assassinos, entretanto, sentindo um certo escrupulo, perguntaram ao legado Arnould, por que signal poderiam reconhecer os catholicos para os poupar. «Matae, matae sempre, bradou o legado, o Senhor saberá reconhecer os seus!» E foi tudo morto com justiça, sem distincção, diz o frade Pedro de Vaux-Cernay, porque uns eram culpados por serem herejes, os outros por terem vivido com estes e recusado entregal-os. O mesmo frade eleva a 7:000, sómente, o numero das victimas. Vicente de Beauvais glorifica os cruzados por terem matado dez vezes mais. Segundo outros, houve 40:000 mortos, o que não é de admirar, porque toda a população d'esta rica parte do Languedoc devia estar amontoada nas praças e nas egrejas da desgraçada cidade. Pedro de Vaux-Cernay nota que o saque de Béziers teve logar no proprio dia da festa de Santa Magdalena e que uma multidão de herejes foi assassinada na egreja que era consagrada a esta santa. Pouco faltou para elle vêr alguma coisa de milagroso n'esta feliz coincidencia.

Depois de destruirem Béziers, os cruzados marcharam sobre Carcassonne. Os senhores possuidores de castellos, foram-se submettendo uns atraz dos outros; o conde de Foix mesmo, imitou o de Toulouse. Só restava Raymundo-Roger, que resolveu defender-se. Carcassonne sustentou um cerco vigoroso, mas o visconde não recebendo nem esperando nenhum soccorro, pediu a capitulação. Prometteram poupar-lhe a vida e a doze dos seus homens se entregasse a cidade. «Deixar-me-hia antes esfolar vivo, respondeu elle; os cruzados não terão em seu poder o mais infimo e o mais miseravel dos meus, porque é por minha causa que elles se encontram n'este perigo. Morrerei defendendo o meu direito e o meu partido.»

A sua morte tambem não foi feliz. Passado algum tempo o legado attrahiu-o fóra da cidade sob pretexto de tratar de novo da capitulação. O visconde, fiado nas promessas do legado, entrou no campo dos cruzados, onde, apezar de todos os juramentos, foi feito prisioneiro e, alguns dias depois, morreu envenenado.

Os cidadãos de Carcassonne renderam-se emfim; como se queria conservar uma praça para o que viesse a ser o logar tenente do papa n'aquella região, a cidade não foi queimada como Béziers, mas apenas saqueada. Os habitantes que abjuraram, tiveram licença para se retirar para o campo sem poder levar nada comsigo e n'um estado de completa nudez. Apenas quatro centos e cincoenta recusaram renegar as suas crenças; estes foram queimados vivos no meio da cidade.

Tratou-se então de regularisar a conquista, nomeando um vice-rei que tomou posse do paiz, distribuindo-o pelos vencedores, segundo as instrucções do papa. E' preciso dizer-se, por honra do duque de Bourgogne, conde de Nevers, e outros grandes senhores da cruzada, que, quando lhes foram offerecidos pelo legado os estados do conde de Béziers, recusaram-n'os, não escondendo a repugnancia que lhes inspirava a sua conducta.

Retiraram-se com a sua gente que, demais, cheia de despojos e de indulgencias e não tendo tomado o compromisso de servir senão por quarenta dias, estava anciosa por voltar ás suas casas e gosar o fructo da sua campanha. Arnould foi então obrigado a dar a investidura do paiz conquistado a Simon de Montfort, senhor d'um pequeno castello dos arredores de Rambouillet, e foi este quasi o unico de todos os chefes que ficou com o legado do papa e com uma multidão de cinco mil *ribauds*, ou aventureiros, tudo gente sem familia nem patria.»

Mais de 35:000 baixas!

Bem disse Kruger que a guerra da Inglaterra contra as duas republicas sul-africanas havia de assombrar o mundo pelas vidas e pelo ouro que custaria.

Até hoje, as baixas soffridas pelas tropas inglezas, comprehendendo feridos e prisioneiros, excedem já 35:000!

E ainda a procissão não está na rua. Verão o resto.

SEMANA SANTA

Fizeram-se com o esplendor dos mais annos, n'esta cidade, as festas da Semana Santa.

As duas orchestras que assistiram a este acto, desempenharam-se dignamente dos cargos que lhes estavam confiados.

Cartas d'Algures

13 de Abril.

O que estes progressistas berraram quando o ministro Pimentel Pinto estabeleceu os limites de edade no exercito! E agora eil-os a projectar limites d'edade para a magistratura.

Ora não ha comparação entre as exigencias de vigor physico nos tropas ou nos togas. Um tropa tropego é realmente uma coisa ridicula. Um béca nas mesmas condições é da tradicção e não faz mal nenhum á justiça. No proprio exercito, o limite d'edade foi contestado com muitas razões de peso. Mas o sr. Alpoim quer adquirir popularidade para ser chefe do partido progressista e, então, é atural-o.

Este homem é hoje uma das figuras mais antipathicas no paiz. Houve tempo em que toda a gente julgou uma certa independencia, uma certa altivez no antigo correspondente do *Primeiro de Janeiro*. Eu, pelo menos, sympathisava com elle. Suppunha-lhe uma costella do Portugal antigo. Mas enganei-me. Não recúa deante de coisa nenhuma para subir.

Não sei se isto será motivo para querela. Dantes era permittido dizer tudo. Depois foi prohibido apenas dizer mal do rei e da sua illustre familia. E veio o mundo abaixo com protestos! Depois prohibiu-se a discussão das instituições. Depois prohibiu-se a discussão das allianças. Dizer hoje que a alliança com a Inglaterra é nefasta aos interesses do paiz é coisa grave e séria.

Emfim, dizel-o ainda escapa. Proval-o é que rende logo querela, pela certa. Depois prohibiu-se a discussão do mysterio da santissima Trindade e da virgindade de Maria. Desde que augmentou o numero das mulheres que vendem fressura e que, por isso, se chamam fressureiras, cada vez está mais provado que os homens vão sendo dispensados para tudo. Os homens, pelo seu lado, que já se agarravam demasiadamente a S. José, tomaram-n'o decididamente por modêlo, desde que veio ordem de Roma para que em Portugal fosse dia santo o dia do marido da virgem. Só fazem excepção a estas duas regras as mulheres e os homens que pensam mais no governo da sua casa do que na vida do bom tom. Emfim, desde que subiu ao poder o partido progressista já nem sequer é permittido dizer mal dos ministros.

E mal até este ponto: dizer que o sr. José Luciano é bacoco e que o sr. Alpoim não tem escrupulos.

Se não vier por ahi querela estamos com sorte.

Eu não sei mesmo se d'aqui para o futuro me será permittido dizer mal de qualquer progressista ou de qualquer amigo de progressista. Eu ando ha muito, por exemplo, para chamar excorreligionario a um sujeito ahi d'Aveiro, que é hoje um reaccionario feroz, embora inoffensivo. Elle escrevia-me cartas dizendo-se republicano, elle andou commigo deitado ás irmãs da caridade com unhas e dentes e eu não consinto que, depois d'isso, elle se arvore em defensor, embora inoffensivo, em defensor immaculado e façanhudo, —se não fôra façanhudo, perduava-se-lhe tudo, —do throno e do altar. Depois não é tão pobresinho que, por miseria, se possam desculpar as suas apostasias e os seus servilismos. Mas o homem é tão amigo d'um familiar do sr. presidente do conselho que, francamente, eu tenho medo de lhe desagradar.

Será permittido dizer mal dos amigos dos progressistas, em geral, e dos amigos do sr. presidente do conselho, ou dos seus familiares, em particular?

Não sei! Não sei!

Tenho medo! Tenho medo!

Limites d'edade para a magistratura!

Egual a esta audacia só a paciencia da estuporada besta portugueza.

* * *

Afinal, o pasquim *Novidades*, continúa na sua triste figura sobre prophecias relativas á guerra anglo-transwaaliana.

Os leitores já notaram sem duvida, como eu notei, que estes estupores, que defendem cá na patria amada o throno e o altar, são muito mais inglezes do que os proprios inglezes.

Nenhum inglez foi capaz de confessar, apezar do seu orgulho e das suas farroncas, que o exercito britannico chegaria de um folego de Bloemfontein a Pretoria. Pois confessaram-n'o os sabujos de cá. *Começou a degringolade*, dizia o pasquim *Novidades*. Foram as palavras textuaes do orgão palaciano. A degringolade era a derrota e a debandada dos boers.

E agora?

O que dirá ahi por Aveiro o meu ex-correligionario?

Que sabujos!

A. B.

Jantar aos presos

O sr. Anselmo Ferreira, acreditado negociante da nossa praça, offereceu na quarta-feira um jantar aos presos da cadeia civil d'esta cidade.

Na quinta-feira tiveram egualmente jantar offerecido pelo sr. dr. Libertador Ferraz, delegado do Procurador Régio n'esta comarca.

THEATRO AVEIRENSE

Com uma concorrencia diminuta estreou-se no sabbado passado, no nosso Theatro, a grande Companhia Infantil de Zarzuela de que é director o maestro D. Juan Bosch. Representaram-se, como aqui noticiámos, as zarzuelas em 1 acto: *La Verbena de la Paloma*, *El duo de la Africana* e *La Viejacita*. O desempenho excedeu todas as espectativas. Parece um impossivel como tão pequenos artistas se pódem encarnar nos personagens que retratam em scena, dando-lhes toda a vida, todo o colorido caracteristico da sua individualidade. O Manuelito, sobretudo, é um comico a valer. Com 7 annos apenas, consegue, como não conseguiriam homens já feitos, manter em permanente hilaridade todos os espectadores, tal é a graça que imprime ao mais pequeno dos seus movimentos, ao mais insignificante dos seus dictos. Sente-se bem em scena, como se fôra um homem de longa data habituado áquella atmosphera, movendo-se sem constrangimento, muito senhor de si, intervindo sempre a tempo no momento em que as exigencias do papel reclamam o seu concurso. E ao vêl-o brincar por ahi, correndo pela rua com o seu arco, ninguem, decerto, dirá, sem que o tenha visto em scena, que aquella creança, que apenas conta 7 annos, como ella mesmo nol-o disse, seja o primeiro comico d'uma companhia de zarzuela. Elle, Lólita e Dolores mereceram os applausos mais estrondosos da plateia, que, de resto, fez justiça a todos os pequenos artistas que d'um modo tão surprehendente encarnam os personagens que teem de traduzir em scena. E a verdade diga-se: a representação do *Duo de la Africana* deu logar a que se estabelecesse um parallelo que muito os honra.

O desempenho da primeira noite fez logo prevêr uma enchente para a segunda; e assim foi. Não ficou um unico bilhete por vender, e mais que houvesse, todos se venderiam. N'esta noite cantou-se *El-rey que rabió*. Quando não fôsse o merito real da companhia, o nome da zarzuela só por si attrahiria a concorrencia, pelo desejo natural que todos teriam de vêr em scena uma zarzuela cuja musica é tocada por uma das phylarmonicas da cidade. O desempenho foi um novo triumpho para toda a companhia. Os que não tinham assistido ao espectaculo da vespera ficaram surprehendidos, como o tinham ficado os que assistiram á primeira récita. Os applausos fôram estridentes. A companhia, justamente animada pelo successo obtido, adiou a sua partida d'esta cidade, resolvendo dar mais alguns espectaculos. E assim tivemos na terça-feira um attrahente e applaudido espectaculo, em que Manuelito mais uma vez confirmou a sua veia comica, e Lólita fez realçar toda a sua graça, em que o *salero* tão bem se casa com a ingenuidade propria da sua idade. Representaram-se as zarzuelas n'um acto: *Agua, Azucarillos y Aguardiente*, *El Chaleco Blanco* e *Gigantes y Cabezudos*.

No final toda a plateia fez calorosa ovação a Manuelito, sendo tambem chamado ao palco o ensaiador.

Hontem representaram-se mais as seguintes zarzuelas em 1 acto: *El Cabo Primero*, *Instantaneas*, e, a pedido, novamente, o *Duo de la Africana*. No proximo numero darêmos noticia d'este espectaculo em que os juvenis artistas affirmaram mais uma vez a sua competencia.

Dizem-nos que hoje e terça-feira haverá ainda espectaculo pela companhia infantil.

E' enchente, pela certa.

ECLIPSE DO SOL

Este phenomeno, que ha de ter logar a 28 do proximo mez de maio, está despertando grande curiosidade em todas as classes. Como se sabe, o eclipse não é sensivel em Lisboa, onde a luz apresentará sómente um decrescimento de intensidade. Em Ovar é total, sendo visivel n'este ponto por mais tempo do que em nenhum outro. Porém, como a altitude de Vizeu é superior, os astronomos escolheram para centro de observação esta cidade, onde o phenomeno durará noventa segundos, principiando ás 3 e 27 minutos da tarde.

Virão a Portugal astronomos allemães e inglezes, para presenciar o phenomeno. Os francezes observal-o-hão, talvez, da Argelia.

Haverá comboios a preço reduzido para Vizeu.

* * *

O graphico que o *Seculo* publicou ha dias sobre este acontecimento não é rigorosamente exacto. Nem Lamego nem Coimbra ficarão comprehendidas na zona que o cone de sombra projectará sobre a terra. N'estas duas cidades haverá apenas penumbra. O Porto, ao contrario do que o referido graphico faz suppôr, gosará o phenomeno total apenas por um curto momento, pois que a linha norte da projecção do cone de sombra passa tangencialmente ao norte do perimetro d'aquella cidade. E a situação de Vizeu é, não ao sul, mas ao norte do eixo da zona central.

O phenomeno é tanto mais duravel quanto mais proximo se achar o observador do eixo da zona central do eclipse, que, por este facto, terá maior duração em Ovar e Vizeu.

AO SR. MINISRO DA JUSTIÇA

Os factos anormalissimos e que, de fórma tão fulminante, estão affectando a administração da justiça em Aveiro, pedem immediata intervenção do sr. Ministro da Justiça. A comarca inteira, ou n'uma grandiosa maioria, reclama contra este estado de cousas que prejudica todos em geral, e especialmente aquelles que, sem estarem nas boas graças do sr. Juiz de Direito—e estes são inumeros —vem perante a justiça reclamar os seus direitos.

O que temos narrado e que, como dissémos, provaremos logo que tal se nos exija, seria já o sufficiente para uma energica intervenção do sr. Alpoim que, áparte politica, reformas, etc., parece querer acertar quando se trata de moralisar a magistratura judicial, essa delicada instituição de que depende a felicidade e o bem estar do povo. No entretanto, iremos apurando mais casos que traremos ao conhecimento do publico e do sr. Ministro da Justiça. E convença-se s. ex.ª, que procura remodelar por completo o seu ministerio: emquanto não forem creados, junto das Relações, logares de juizes de correição, com poderes bastantes para fiscalisar os actos dos magistrados de primeira instancia, fazendo inspecções já de officio, já a requisição do publico, quando este allegue e prove qualquer facto illegal, a machina judicial não entrará no caminho que é para desejar n'uma instituição de semelhante grandeza e importancia.

A classe da magistratura judicial que é na sua maioria composta de homens dignos e honestos, tem tambem magistrados que prevaricam, que sujeitam o Direito e o interesse das partes aos seus caprichos e interesses proprios. E estes são muitos, tambem.

E' preciso um entrave á desmoralisação que vae penetrando e corrompendo o poder judicial.

E compete ao sr. Ministro da Justiça decretal-o. Effectivamente de que valem as correições que actualmente se fazem?

Então o juiz ha-de inspeccionar e julgar os seus proprios actos?

Não, mas se os julga, fal-o necessariamente com favor para si.

Urge, pois, remedeiar-se o mal, e affigura-se-nos possivel fazel-o, creando-se junto de cada relação dois ou tres logares de juizes incumbidos unicamente das correições periodicas ao serviço dos magistrados de primeira instancia e de apurarem e tomarem conhecimento das queixas que sobre o seu procedimento lhes sejam feitas.

Desde que os juizes teem alçada dentro da qual pódem fazer o que muito bem quizerem sem satisfações ou responsabilidades, o melhor e unico meio de lhes coarctar o arbitrio é, ao que nos parece, o que apontamos.

* * *

Posto isto contemos mais casos do sr. juiz Francisco Antonio Pinto.

Em março ou abril de 1899 um individuo da comarca a quem a esposa havia abandonado, levando o unico filho que existia do seu matrimonio, requer, em face da lei, que o pequeno lhe fosse entregue. Para isto instrue o seu requerimento com certidão de casamento e certidão de edade do filho que tinha 2 annos, pouco mais ou menos.

Diz a lei que, provado o poder paternal, se procederá á diligencia no dia e hora que pelo juiz fôr designado, assistindo o curador dos orphãos. E que este requerimento não admitte opposição alguma que se não funde em documento comprovativo da interdicção do poder paternal, ou que o menor está depositado para esse fim, não havendo caducado o deposito; em documento que prove ter-se proferido, por occasião da separação dos paes ou deposito da mãe, decisão que obste á diligencia requerida; ou em requerimento do curador dos orphãos ou de qualquer parente do menor, para o deposito d'este, como preparatorio da acção de intredicção ao poder paternal.

Apresentado a despacho o requerimento, em que se allegava não haver nenhum d'aquelles fundamentos para opposição, foi mandado para o escrivão de semana com o seguinte:

A entrega terá logar tal dia, por tantas horas. Intimações necessarias.

Era uma segunda-feira: a entrega havia sido marcada para quarta-feira seguinte. Na terça, procede o escrivão ás intimações e na quarta quasi á hora em que a diligencia se devia effectuar, sahe o requerente que ella já não tinha logar.

Foi irformado pelo escrivão que a entrega não se fazia.

Porque?

Na terça-feira á tarde a requerida, sabedôra, pela intimação, ao proceder de seu marido, requer o deposito judicial e ao mesmo tempo que se providenciasse a respeito do filho. Na quarta é feito o deposito e o mesmo juiz que havia mandado fazer n'esse dia a entrega do pequeno a seu pae, manda-o ficar com a mãe.

Ficaram, pois, de pé dois despachos absolutamente contradictorios, um dos quaes se não podia cumprir, para se cumprir o restante.

Bem. Ha já aqui base para se formular uma queixa, pois que, desde que a entrega havia sido ordenada, e que nenhum deposito antecedentemente feito se lhe poderia oppôr—é claro que o sr. juiz Francisco Antonio Pinto deveria manter o que tinha despachado em favor do pae. Não o fez e por isso este vae requerer que se effectue a entrega. O despacho, que é mirabolante e dispensa commentarios para se conhecer da sua legalidade apparecerá em tempo opportuno.

Seguidamente vem a mãe que havia requerido o deposito e aggrava, para enganar ou, como diz o povo, deitar poeira nos olhos, do despacho que havia ordenado a entrega! O sr. juiz recebe o aggravo: este é minutado e contraminutado, mas não sobe á Relação.

Porque? Extra-officialmente se ssbe que a referida mãe havia desistido do aggravo, mas nada é intimado ao pae: o processo jaz em segredo absoluto: nem d'elle se soube pela questão das custas o que é normal e regular.

Foi, para seu eterno descanço, para os poeirentos archivos do cartorio.

Veja-se só pela narração como a justiça é administrada.

E continuaremos porque temos uma completa enfiada de casos.

* * *

Todos de suma importancia. Porque se quizermos accusar o sr. juiz Pinto de infracções de menor monta ha que recordar que s. ex.ª, sem licença, e sem entregar a vara a qualquer substituto, sai varios dias da comarca e sem a respectiva licença acaba, segundo se diz, de sair do reino, indo gosar a solemne e apparatosa semana santa de Sevilha, onde esperamos se hade reconciliar com Deus para descanço da sua alma e... consolação de todos.

Perseguição á imprensa

Por causa da attitude que teem tomado perante a violação de neutralidade commettida pelo governo em favor da Inglaterra, foram movidos no Porto processos crimes contra *O Norte*, *Voz Publica* e *O Jornal de Noticias*.

Não é de espantar tal procedimento. N'este paiz tudo é possivel

FOLHAS SOLTAS

A DEVOTA

Não obstante o véo que lhe cahia até ao queixo, reconhecia-a. Era seguramente madame de Belvèlize. E quem, senão ella, podia ter aquelle bonito sorriso côr de rosa e aquelles olhos ternos, azues, que eram debaixo da renda como que uma rosa e duas centaurias? Além d'isso, na portinhola do *coupé* estavam as armas dos Belvèlize. Desceu com ligeireza, n'uma agitação de faille com tinidos de vidrilhos, disse ao escudeiro: «Espera com a carruagem!» e subiu, quasi de carreira, os degraus da egreja de S. Roque, fazendo com os saltos um ruído ao mesmo tempo vivo e leve sobre as pedras. Fiquei inteiramente edificado! Esta mundana endiabrada, na egreja, era extraordinario! Levantar-se ás nove horas da manhã, talvez no dia seguinte ao d'um baile, para vir fazer as suas orações, seja! Não era d'aquellas que teem para comsigo que, para se salvarem, basta ter amado muito. O amor,—essa fórma superior da caridade,—não tem em si nada de reprehensivel; mas é conveniente associal-o um pouco á oração. Depois do *boudoir*, o confessionario. Depois de se ter sido clemente, implorar a clemencia. E o bom Deus nunca recusa nada a quem não recusou grande coisa. Eu passeava em frente da egreja para um lado e para o outro, entregue a estes pensamentos, sem pressa de seguir o meu caminho. Retinha-me a esperança de tornar a vêr, n'aquelle momento, madame de Belvèlize, ao entrar novamente para a carruagem. Ha tanto prazer em a contemplar! e uma particula do seu perfume vinha impressionar-me as narinas, como uma flôr invisivel; perfume subtil, quasi delinquente, santificado pelo incenso. Passou-se meia hora, o tempo d'uma missa resada. Eu estava cada vez mais edificado! Madame de Belvèlize não tinha nada commum com essas devotas estouvadas que aviam o o mais depressa possivel as obrigações religiosas e pensam, com o seu lindo nariz mettido entre as folhas do livro de missa, que, se o celebrante se não desembaraça, faltarão á entrevista marcada ao alfaiate; não! ella praticava, austeramente, inteiramente! e, visto que não reapparecia, era porque não se tinha limitado simplesmente a ouvir missa: confessava-se, não ha duvida nenhuma. Ah! ser por alguns instantes o feliz director de consciencia a quem ella contava, com as mãos postas, os peccadilhos das suas *flirtations* e a falta mais grave, mas tão encantadora, de beijos mal recusados. Sabia elle, ao menos, interrogal-a? Como, no seu logar, —emquanto através das grades sobem finos arômas,—eu teria insistido nos mais pequenos detalhes da confissão, como teria exigido, causuista implacavel que ella me revelasse, minuciosamente, todas as circumstancias do abandono, o logar,—*boudoir* ou alcova,—meia noite, talvez!—e se tinha os braços nús, ou se o penteador, por um acaso importuno, se não tinha aberto um pouco, n'esse mesmo momento! Mas repelli estes pensamentos condemnaveis. Fazia mal abandonar-me a taes phantasias, emquanto madame de Belvèlize se desempenhava dos seus deveres de christã. Era, na verdade, faltar-lhe ao respeito. Decorreu mais d'uma hora! Estava cheio d'admiração por um fervor tão perfeito. Emquanto eu passeava n'esta anciedade, humilhava-se ella deante do padre, chorava os seus erros; reclamava penitencias, nunca se julgava sufficientemente punida, achava o céo excessivamente misericordioso. Santa alminha! Quem teria acreditado em tal? Prometti a mim mesmo não deixar ninguem na ignorancia da devoção que ella tão cuidadosamente occultava. A sua virtude havia de ser conhecida. Tinham finalmente decorrido duas horas, quando madame de Belvèlize reappareceu! Não me tinha enganado: devia ter-se confessado com genuflexões e lagrimas; porque o seu vestido de faille, onde tinem vidrilhos, estava toda amarrotada, e um rubor de lagrimas vivamente enxutas lhe orlava os olhos, como se em volta de cada centauria houvesse uma folha de rosa! No excesso legitimo da minha veneração,—emquanto a penitente descia ligeira a escadaria,—ia a approximar-me d'ella e a saudal-a humildemente pelo seu zêlo sagrado, quando me veio ao espirito,—oh! que mau pensamento!—que na egreja de S. Roque ha mais do que uma porta!

Catulle Mendès.

*
* *

A religião dos humildes

... Em summa, o eterno mal, a eterna lucta nunca foi senão entre o pobre e o rico.

Entre os judeus, immediatamente depois da vida nomada, quando elles conquistaram Chanaan e que se creou a propriedade, a lucta das classes rebentou.

Ha ricos e ha pobres: desde esse momento nasce a questão social.

A transição fôra brusca, o novo estado de coisas imperou tão rapidamente, que os pobres, lembrando-se ainda da edade de ouro da vida nomada, soffreram e reclamaram com tanta ou mais violencia.

Até Jesus, os prophetas são apenas revoltosos que surgem da miseria do povo, que dizem os seus soffrimentos, e amaldiçoam os ricos aos quaes prophetisam todos os males, como castigo da sua crueldade.

Jesus, elle proprio não foi senão o ultimo d'elles, e appareceu como a reclamação viva do direito dos pobres.

Os prophetas, socialistas e anarchistas, tinham prégado a egualdade social, reclamando a destruição do mundo, se elle já não era justo.

Elle traz egualmente aos miseraveis o odio ao rico.

Todo o seu ensinamento é uma ameaça contra a riqueza, contra a propriedade, e se entendessemos pelo Reino dos Ceus, que elle promettia, a paz e a fraternidade sobre esta terra, n'isto não se teria outra coisa senão: —Um regresso á edade d'ouro da vida pastoril, um sonho da communidade christã, tal como parece que os seus discipulos o realisaram junto d'elle.

*

Durante os tres primeiros seculos, cada egreja foi uma tentativa de communidade, uma verdadeira associação, cujos membros possuiam tudo em commum, excepto as mulheres.

Os apologistas e os primeiros padres da Egreja, asseveram-n'o, e só o christianismo era então a religião dos humildes e dos pobres, uma democracia, um *socialismo*, em lucta contra a sociedade romana.

Emile Zola.

Arraial

Principia ámanhã a época dos arraiaes. Em Matadussos, suburbios d'esta cidade, ha grande festa á Senhora da Allumieira, festa a que costumam concorrer muitos forasteiros d'aqui, levando merendas.

O TRATADO ANGLO-ALLEMÃO

Do *Temps*, de terça-feira, retalhamos o seguinte telegramma de Berlim:

«A publicação do tratado secreto entre a Allemanha e a Inglaterra, relativamente ás questões africanas, não está tão eminente como se annunciou estes dias. O caracter d'esse tratado, que é eventual, exige, ao que parece, que elle não seja tornado publico senão quando as circumstancias, em vista das quaes elle se concluiu, se realisarem effectivamente.

Admitte-se, em geral, que uma das principaes estipulações se refere a um arrendamento ou occupação da Delagoa-bay pela Inglaterra. Ora a eventualidade que poderia servir de pretexto para essa occupação ingleza, mais parece affastar-se do que approximar-se. Com effeito, se Portugal se encontra em condições de pagar, sem recorrer á Inglaterra, a indemnisação a que o condemnou a sentença arbitral de Berne, essa potencia não teria motivo algum de se apoderar de Delgoa-bay, como de um penhor, e nenhum dos dois contratantes do tratado anglo-allemão julga util fazer saber o que convencionaram sobre esse ponto.

Eis o que se diz em Berlim a proposito do tratado. Accrescenta-se, porém, em certos circulos, que muitos indicios, entre outros o da recente linguagem do officioso *Jornal de S. Petersburgo*, fazem acreditar que a Russia segue attentamente a attitude da Inglaterra em relação a Portugal e que o gabinete de S. Petersburgo faria decisivas objecções a qualquer tentativa da Inglaterra para restringir os direitos de soberania de Portugal sobre Lourenço Marques.»

Não commentamos, por desnecessario.

Lá por fóra

A poucas milhas de Glasgow deu-se outro dia uma grande catastrophe dentro d'um tunnel.

Por volta das seis horas da manhã, um comboio cheio de operarios que se dirigiam ao seu trabalho, entrou no tunnel de Kilbowie, quando, em consequencia d'um accidente, o freio Westinghouse deixou de funccionar, e bruscamente, o comboio estacou na escuridão.

Cinco minutos depois de o primeiro comboio parar dentro do tunnel, penetrou, n'este, segundo comboio, a todo o vapor.

O choque foi pavoroso. Os tres ultimos wagons do primeiro comboio ficaram litteralmente reduzidos a migalhas, emquanto que a locomotiva do segundo se voltava.

Parece que ha quatro mortos e vinte e tres feridos.

*
* *

O oasis de Inhar, na região de Tidekell, foi occupado pelas tropas francezas depois de renhido combate, no qual os francezes tiveram 2 officiaes e 9 atiradores mortos e alguns outros feridos, mataram 600 arabes do Tuat, feriram 1:000 e aprisionaram 500.

*
* *

O novo livro de Tolstoi, «Resurreição», foi primitivamente publicado por um jornal russo intitulado «Niwa». Querem saber o que o celebre philantropo e philosopho recebeu de direitos de auctor? *Apenas* doze contos de réis!

*
* *

Morreu em Paris o talentoso e erudito escriptor Louis Evault que deixa romances e trabalhos de critica muito notaveis.

O hymno do Transwaal

O hymno do Transwaal tem uma historia bastante curiosa. Foi composto, tanto a musica como a lettra, por uma senhora hollandeza, de Zutplen, chamada Felicia Catalina Van Rees.

Na sua juventude, mademoiselle Van Rees escreveu varias operetas para o Orpheon de Utrecht. Por esta occasião tomou conhecimento com M. Burgers, membro do Orpheon, e depois estudante de theologia na universidade de Utrecht.

Em 1875, M. Burgers foi elevado á presidencia da Republica do Transwaal, e pouco depois, fazendo uma viagem pela Europa, visitou a sua antiga amiga Van Rees á qual pediu que compuzesse um hymno nacional para o paiz a cujos destinos presidiu.

Van Rees escreveu em algumas horas a lettra e a musica d'este hymno, e os boers ficaram de tal modo satisfeitos com elle, que o Volkraad de Pretoria acceitou-o officialmante, dirigindo á sua auctora enthusiasticas felicitações.

Uma «immortal» a vôo-de-passara

Encimado por este titulo, trouxe o «O Norte» a semana passada um telegramma de Paris, informando que Mme de Rute está no proposito de concorrer a uma vaga da Academia Franceza.

Ora verão que, mais dia menos dia, temos tambem alguma escriptora portugueza com aspirações identicas. Mme de Rute iniciou a ideia; ora nas ideias ha, como nas epidemias, o perigo do contagio, e, por conseguinte, hão de vêr o que em breve ahi não vae de *immortaes a vôo-de-passara*.

E' justo.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

(34) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XII

— Ganhaste a trompa de caça, disse elle; é tua, assim como os vinte *nobles*, e dar-te-hemos cincoenta se quizeres entrar ao nosso serviço como archeiro da nossa guarda e ficar junto da nossa pessoa; porque nunca mais valente mão esticou um arco e olho mais seguro dirigiu uma frecha.

— Perdoae-me, nobre principe, respondeu Locksley, mas eu fiz voto de não servir ninguem, a não ser vosso irmão, o rei Ricardo. Os vinte *nobles* deixou-os a Huberto, que hoje se portou tão valorosamente como seu bisavô na batalha de Hastings; e se a sua modestia o não impedisse de acceitar o desafio, elle teria acertado no alvo tão bem como eu.

Huberto abanou a cabeça e recebeu com reluctancia o presente do estrangeiro; e Locksley, ancioso de se furtar á curiosidade do publico, metteu-se por entre a multidão e ninguem mais o viu.

O victorioso archeiro não teria talvez escapado tão facilmente á attenção do principe, se este não tivesse n'esse instante o espirito occupado por outros assumptos mais graves e importantes. Foram estes que o fizeram chamar o seu camarista, que dava o signal de retirada, e ordenar-lhe que partisse immediatamente para Ashby e procurasse por toda a parte o judeu Isaac.—Dize a esse cão, accrescentou elle, que me envie duas mil corôas até ao pôr do sol. Elle conhece as garantias; e mostra-lhe este annel como signal. O resto do dinheiro é necessario que seja pago em York dentro de seis dias. Se elle faltar, mando-lhe cortar a cabeça. Repara não passes por elle no caminho; pois que esse escravo circumciso ostentava entre nós o seu luxo de rapinagem.

Dito isto, o principe montou outra vez a cavallo e voltou para Ashby; e a multidão dispersou depois da sua partida.

XIV

> Quando, ornada com a sua rude magnificencia, a antiga cavallaria ostentava a pompa dos seus jogos heroicos, os chefes emplumados e as damas ricamente vestidas reuniam-se, ao ruido das trombetas, na grande sala abobadada de um castello altivo.
>
> WARTON.

O principe João deu o seu banquete no castello de Ashby. Não era o edificio cujas ruinas imponentes ainda interessam o viajante e que foi construido n'uma epoca muito posterior por *lord* Hastings, camarista-mór da Inglaterra, uma das primeiras victimas da tyrannia de Ricardo III, mais conhecido, porém, como um dos personagens de Shakespeare do que pelo seu renome historico. O castello e a povoação de Ashby pertenciam então a Rogerio de Quincy, conde de Winchester, e que, na epoca da nossa historia, estava ausente na Terra Santa. No entretanto, o principe João occupava o seu castello e dispunha dos seus dominios sem escrupulo algum; e no intuito de deslumbrar os olhos dos convivas pela magnificencia da sua hospitalidade ordenara grandes preparativos de maneira a tornarem o banquete o mais esplendido possivel.

Os fornecedores do principe, que n'esta e outras occasiões exerciam toda a auctoridade real, tinham deitado a mão a tudo quanto nos arredores lhes parecera digno de figurar na mesa de seu amo.

(Continúa.)

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Hotel Cysne
Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo aceio e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCÕES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — **VENDAS SO A DINHEIRO**

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

BARRA—PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO